



Mensagem do Editor

Nesta edição, VIRALAPA News quebra



paradigma e, ao invés de publicar entrevista, concede espaço a Sergio Almeida para, num interessantíssimo artigo, narrar suas memórias no mundo do tango. Sergio Costa de Almeida, 60 anos, carioca, filho de pai alagoano e mãe portuguesa, é médico, psiquiatra e psicanalista. Sua relação com o tango pode ser considerada atávica e, como os demais relacionamentos humanos, tem origens em sua própria história. Sergio Almeida é frequentador assíduo da Milonga Xangô e grande admirador do profissional da dança, Paulo Araújo.

Nossa pesquisa deste mês relata vida e obra do grande maestro argentino, Osvaldo Pugliese. Falecido em 1995, ele deixou extraordinário acervo musical e belos exemplos de cidadania.

Leia, ainda, como foi a Segunda-feira Alternativa, esta à caipira, realizada no último dia 25, no vibrante texto de Sandra Santos. Também, o enorme sucesso do Grande Baile de Tango, parceria de Paulo Araújo, Valdeci de Souza e André Carvalho & Alice Vasques realizado no último dia 7, no Clube Círculo Militar da Praia Vermelha.

Leia nesta edição

Memórias de Tanguero
Sergio Almeida
(Pag 02)



Parceria de Sucesso
(Pag 04)



Histórias do Tango
Osvaldo Pugliese
(Pag 05)



Segunda-Feira Alternativa à Caipira
(Pag 06)



Artigo

SERGIO ALMEIDA

Memórias de Tanguero

Texto **SERGIO ALMEIDA**
Fotos **PERCY RODRIGUES**

Todo mito é fundador de uma crença e tenta estruturar distintos vínculos entre as singularidades e subjetividades envolvidas neste credo. É, por definição, a pré-história de um começo; minha “tanguenidade” (relação de atributos entre mim e o universo do tango) não seria diversa. Meu “começo” tanguero prende-se às histórias que ouvia quando menino, contadas por meu pai. Fascinavam-me as narrativas sobre os espetáculos do cassino da Urca, sobre as orquestras de tango que ali se apresentaram e de amores efêmeros e arrebatadores surgidos naquele universo de arte e glamour. Um Rio de Janeiro que antecedeu ao meu nascimento, mas nem por isso deixou de ressoar significativamente no meu imaginário. E nele instalou uma curiosidade sobre uma música e um povo que permaneceu latente até a metade dos anos setenta quando, por fim, o tango penetrou na minha subjetividade pelos acordes extraordinariamente impactantes de Astor Piazzolla. Recém formado em medicina participava de grupos onde se ouvia a música latinoamericana: Mercedes Soza, Atahualpa Yupanqui, Violeta Parra, Victor Jara, Felix Luna, José Larralde, o mencionado autor de “Adiós Nonino”, enfim, um conjunto de artistas altamente criativos e originalíssimos. Porém o tango clássico, urbano e tradicional ainda não protagonizava maiores papéis nos meus interesses.

No início da minha formação como psicanalista e minhas atividades equestres possibilitaram um intenso contato profissional com diversos colegas da bacia do rio da Prata.



Congressos, simpósios, feiras agrícolas e, conseqüentemente, o convívio com companheiros argentinos e uruguaios intensificou e reacendeu curiosidades passadas. A necessidade de comunicação com meus pares levou-me ao aprendizado do idioma dos vizinhos e, sutil e espontaneamente, surpreendia-me interessado por aquelas paisagens e músicas com letras de males de amor ou tragédias anunciadas. À medida que os anos passavam o contato com a literatura e a cultura argentina se expandia: Güiraldes, Sábato, Cortazar, Borges, Eloy Martinez; e como não podia deixar de ser os poetas tangueros: Celedonio Flores, Contursi e Discépolo. No entanto, o tango como dança ainda não comparecia como objeto dos meus investimentos afetivos e pessoais. Em agosto de 1991, participante em um congresso de psicanálise em Buenos Aires, assisti “Tango X 2”, no teatro San Martin. Espetáculo fascinante e arrebatador! Os cantores, os bailarinos, a orquestra, em suma, as antigas fantasias engendradas a partir da Urca da minha remota memória materializavam-se na avenida Corrientes. Cinco anos mais tarde,

numa viagem à capital platina, decidi que ao retornar ao Brasil começaria minhas aulas de dança para o tango; afinal era o que carecia para sentir-me mais integrado àquele mundo.

Através de conhecidos inteire-me que havia um casal de professores de tango, Eric e Jeusa, que lecionavam em Botafogo, bairro da zona sul do Rio. Conversei com eles, marcamos umas aulas particulares, mas houve interrupção devido a compromissos profissionais da dupla fora do país. Prossegui o aprendizado com instrutores por eles designados, embora pouco resultado obtivesse. Pouco tempo depois, um colega de profissão mencionou a existência de Paulo Araújo, com quem imediatamente retomei meu aprendizado. O convívio com Paulo merece um parágrafo à parte.

Num antigo sobrado na rua Mem de Sá, e posteriormente no seu estúdio na rua da Passagem, conheci um professor com maiúsculas. Paulo não se preocupava em ensinar passos ou “dicas” em relação à dança; seu interesse era propiciar aos seus alunos uma familiaridade conceitual com o tango-dança e seus princípios balizadores fundamentais:

Artigo **SERGIO ALMEIDA**

ritmo, postura e condução. A execução coreográfica virá com o tempo, a prática e a possibilidade de cada aluno. Neste aspecto, Paulo, intuitivamente, exercia um moderno método pedagógico conhecido por todos aqueles que se dedicam ao magistério: o ensino individualizado, isto é, uma forma de transmissão do conhecimento que aposta radicalmente na singularidade do estudante. E, escorado neste sistema, transforma o complicado em simples (não banal), o novo em familiar, o espanto em descoberta. Outros elementos que se destacam em sua personalidade docente são uma profunda generosidade e desprendimento quanto ao senso de propriedade que alguns “professores” nutrem em relação aos seus discípulos. Estas pessoas, egoisticamente, consideram seus aprendizes como possibilidades de afirmação de suas habilidades didáticas e não como seres individualizados que exercerão pelo ensino que lhes for ministrado sua autonomia e estilo próprio; não ensinam, desenvolvem seitas. Pensando em expandir minha dança fora de minha cidade, Paulo Araújo prontamente indicou-me colegas em Buenos Aires. Apresentou-me a Graciela Gonzales, Dina Martinez, Julio e Corina Balmaceda; sugeriu-me milongas e práticas de tango na rainha do Prata; e, finalmente, sempre me incluiu em seus grupos de viagens de tango na capital portenha. Porém, jamais o vi impondo algo a mim ou a qualquer de seus alunos que conheço; Paulo Araújo forma colegas e não acólitos. A este tango agradeço o que descobri pelo mundo. Buenos Aires tornou-se uma cidade mais familiar que a cidade que resido. A curiosidade tangureira levou-me a bairros distantes das zonas centrais da grande metrópole: Mataderos e sua feira dominical com a “carrera de sortijas”, Barracas e a esquina de Goyeneche, Pompeya e seu “boliche” onde dançarinos se apresentam sobre o “mostrador”. Fiz amigos em outras latitudes e hemisférios e presenciei a marca do tango em Madrid, Varsóvia, Moscou, São Petersburgo, Vilnius e Santiago.

Certa vez, li em uma reportagem numa publicação semanal de tango em Buenos Aires, a resposta de uma dançarina à pergunta o quê era o tango para ela: “*Es una declaración de amor com los piés*”, respondeu ao entrevistador. Nada mais poderia acrescentar a respeito.

Como mencionei acima, a marca tangureira ultrapassou o universo coreográfico e bailável. Ousaria afirmar que o tango tornou-se para mim não apenas uma dança e sim parte integrante de uma nova identidade forjada a partir dos contatos iniciais com a música cidadã das capitais à margem Rio da Prata. Engendrou um imaginário atravessado por temassociológicos, folclóricos e estéticos. Tanguer, como afirma a poesia lunfarda, foi o passaporte



Sergio Almeida e sua parceira Zelia Maria

para outros envolvimento. O “pensamiento triste que se baila”, no dizer de Discépolo, deflagrou uma curiosidade sociológica sobre a alma portenha e seus alicerces constitutivos: a imigração em massa no final do século XIX, um possível desencadeante da nostalgia profundamente enraizada naquele “desarraigo” de seu povo e sobejamente decantada nas músicas e versos de inumeráveis tangos. Com avidez mergulhei na história de seus principais autores e intérpretes; de Villoldo ou Rosita Quiroga a Pugliese ou Adriana Varela, era da formação e evolução de uma identidade nacional do que se tratava. De Caro representava o apogeu da música erudita transformada em popular. O surgimento dos “perigundines”, dos cafés e dos cabarés, e posteriormente o estabelecimento

das grandes orquestras e dos salões de dança embutiam o desenvolvimento paralelo de uma civilização e da musicalidade emblemática de suas origens.

Os autores tanguer propiciaram o encontro com a música do campo e seus principais compositores; Atahualpa Yupanqui ganha uma dimensão poética que não possuía nas primeiras vezes que o escutei. “Milonga para Jacinto Chinclana” traduz a fusão da obra de dois gigantes da cultura argentina: letra de Jorge Luís Borges e música de Astor Piazzolla. Buenos Aires não era apenas as aulas de tango, as práticas e as milongas cêtricas ou de bairro. Era os museus das fundações Constantini ou Amalia de Fortabat, a pintura de Berni, Beruti, Molina Campos; as grandes livrarias e teatros, a política educacional de Domingo Sarmiento nas últimas décadas do século XIX, Yrigoyen e Alvear; os contos de Pedro Orgambide, Horacio Quiroga e Mario Benedetti; o cemitério da Recoleta com suas estórias assombradas ou de sepultados vivos; os vinhos de Mendoza, Salta, San Juan e da Patagônia.

Mas era também “el asado con cuero”, os festivais de doma e gineteadas de Jesús-Maria, o doce de leite de Florencio Varela, San Antonio de Areco, Don Segundo Sombra e a imensidão da pampa, aquele “(...) mar de hierba que nosotros llamamos con un nombre tan indiano – pampa –”, nas palavras de don Ata, o poeta de Pergamino. Prosseguia nas “talabarterias” que frequentava e numa égua baguala correntina chamada Alethéia, que comprei de um saudoso amigo de Itaqui, no Rio Grande, e chegou ao Brasil atravessando a nado o rio Uruguai. E, por fim, segue em um parceiro inseparável, pastor de gente e amizades como nenhum outro e que me acompanha fielmente há catorze anos: um collie de pelo longo com nome de tango – meu querido Gotán.



Foto SERGIO ALMEIDA

“A missão do mestre não é formar seguidores, mas formar novos mestres”

O conceito acima, de autoria do filósofo Mário Sérgio Cortela, renomado professor e conferencista, também se aplica no ambiente do tango.

Desde o início da década de 90, o movimento de revitalização do tango no Rio de Janeiro tem revelado número expressivo de talentos na arte da dança, que se dispuseram a aprender e praticar o ritmo portenho. Dentre estes, sobressaem-se aqueles que, por talento e dedicação, alcançaram elevado nível de conhecimento, reconhecidos como excelentes mestres na dança portenha.

Primeiramente, com os mestres internacionais, Eric e Jeusa, surgiu a primeira turma, da qual destacaram-se Paulo Araújo e Angela Cepeda. Estes, por sua vez, formaram várias turmas de alunos, entre estes, alguns, hoje, exímios mestres, administram suas próprias turmas e forjam novos mestres. São os casos, por exemplo, de Valdeci de Souza, André Carvalho e Alice Vasques.

Parceria de sucesso

No último dia 7, Paulo Araújo, Valdeci de Souza e



a dupla André Carvalho & Alice Vasques decidiram ampliar as

Paulo Araújo & Equipe Alice Vasques & André Carvalho Valdeci de Souza & Equipe

juntos realizam o

GRANDE BAILE DE TANGO

Sábado - 7 de Julho 21:00h

Circulo Militar da Praia Vermelha

Salão Nobre (Belas Artes)

congratamento. Além do prazer da dança, os participantes tiveram oportunidade de rever antigos companheiros. Foi, de fato, uma noite de gala, para nenhum clube argentino botar defeitos. E, também, uma consagração da parceria entre os respeitáveis mestres na arte do tango, coroada de sucesso.

Contrariando práticas anteriores, não aconteceram apresentações de profissionais da dança. Entretanto, os presentes



relações, realizando uma super milonga no Clube Círculo Militar, na Praia Vermelha, juntando suas “tribos” para um inusitado

foram brindados com excelente performance da violinista uruguaia Laura Stezano (foto), que executou dois tangos maravilhosos.

INSTITUTO BRASILEIRO DO TANGO

Presidente : Paulo Araújo

ESPAÇO VIRALAPA

Diretor Geral : Paulo Araújo

Sede Própria : Avenida Gomes Freire , 663, sobreloja

Lapa – Rio de Janeiro – CEP 20231-014

Tel 21 - 3970 2457

contato@viralapa.com.br

VIRALAPA News

Conselho Editorial

Fabien Cayet

Paulo Araújo

Percy Rodrigues

Editor Geral

Percy Rodrigues

JP 31780 RJ

Tel 21-9634 9736

percyrodrigues@openlink.com.br



HISTÓRIAS DO TANGO

Osvaldo Pugliese



Osvaldo Pedro Pugliese (2 de dezembro de 1905 - 25 de julho de 1995) foi um pianista, diretor e compositor argentino dedicado ao Tango. Nasceu em 2 de dezembro de 1905, no bairro portenho de Villa Crespo (Cidade de Buenos Aires, Argentina), no seio de uma família de músicos, porém não tão talentosos como ele. Seu pai, Adolfo Pugliese, tocava flauta nos conjuntos do bairro, essencialmente em quartetos. Dois de seus irmãos maiores, Vicente Salvador e Alberto Roque, também eram músicos.

Adolfo, seu padre, ajudou-o a fazer seus primeiros “palotes” na música, e comprou um violino com o qual ele foi enviado ao Conservatório *Odeón* do bairro de Villa Crespo. Porém, neste lugar, encontrou o instrumento que seria parte de sua vida e que o destacaria acima de muitos: o piano.

Estudou com grandes maestros como Vicente Scaramuzza e Pedro Rubione, com os quais se converteu em um extraordinário pianista.

Aos quinze anos já integrava um tríó junto ao bandoneonista Domingo Faillac e o violinista Alfredo Ferrito, com eles, debutou em público num bar de bairro (na Argentina, denominados, genericamente, cafês) chamado *Café de la Chancha*, nome que o outorgaram os paroquianos em alusão a pouca higiene de seu dono e do lugar.

Tempo depois, pode chegar à Grande Cidade, Buenos Aires, onde debutou integrando um conjunto que tinha, como particularidade, a primeira mulher bandoneonista do país: Francisca Cruz Bernardo. Mais conhecida como “*Paquita*”, “*La Flor de Villa Crespo*”, era a

diretora daquela orquestra típica. E quem compreendeu o afam monetário de Osvaldo Pugliese e aceitou seu alojamento em aras de um melhor futuro econômico.

Mais tarde, já com muito mais experiência e soltura, formou parte do quarteto de Enrique Pollet (1924), e, logo, da orquestra de outro famoso de seu tempo, Roberto Firpo. Em 1926, era o pianista da orquestra do grande bandoneonista Pedro Maffia, continuando com seu ascenso no mundo do tango e tendo a cada dia mais prestígio.

Contudo, o sonho de Osvaldo Pugliese era ter sua própria orquestra. Foi assim que se desvinculou da de Pedro Maffia, em 1929, junto com o violinista Elvino Vardaro para formar seu próprio conjunto. Ambos tocaram por primeira vez em no café Nacional com grande repercussão, que os empulsionou a fazer um giro por todo o país. Não obstante, o giro foi um fracasso econômico e tiveram que empenhar parte de seus instrumentos para conseguir as passagens de regresso a sua cidade. Após seu retorno, integrou a orquestra de Alfredo Gobbi, e mais tarde acompanhou Roberto Firpo e Miguel Caló.

Porém, Pugliese nunca abandonou seu sonho e foi assim que, em 1936, criou um sexteto junto com Alfredo Calabro, Juan Abelardo Fernández y Marcos Madrigal (bandoneonistas), Rolando Curzel e Juan Pedro Potenza (violinos), Aniceto Rossi (contrabaixo), do qual era seu diretor. Debutaram na famosa Avenida Corrientes, no *Germinal*. Este foi o ponto de partida de sua orquestra. A mesma foi apresentada no café *El Nacional* em 11 de agosto de 1939, orquestra que, com as lógicas mudanças, o acompanharia durante

55 anos. Durante todo esse tempo, Don Osvaldo criou mais de 150 temas, alguns muito famosos como *Recuerdos*, *La Beba*, *Negracha*, *Malandraca* e seu hino *La yumba*. Ainda gravou mais de 600 temas de outros autores.

Contudo, ele não era tão só um grande pianista, mas também um cidadão comprometido com a sociedade. Em 1935, impulsinou o Sindicato Argentino de Músicos do qual foi o afiliado número 5. Iniciou, então, uma luta “... *donde el trabajo sea una dignidad personal y no un castigo*”. Em 1936, ele filiou-se ao jovem Partido Comunista Argentino (108 era seu número de filiação). Isto e suas ideias provocaram sua perseguição, censura e encarceramento durante o governo de Juan Domingo Perón, de facto conhecido como a autodenominada *Revolución Libertadora*. Entretanto, durante o tempo que duraram suas penas, sua orquestra não deixou de tocar, até a libertação de seu diretor. Recebeu inúmeras distinções. O governo de Cuba o outorgou a *medalla Alejo Carpentier*, a mais importante distinção cultural da ilha; o governo francês nomeou-o *Commandeur de L'Ordre des Arts et Letters* (1988). Contudo sua cidade, a Cidade de Buenos Aires, em 1986, o declarou *Ciudadano Ilustre*. Em 1989, *SADAIC* (*Sociedad Argentina de Autores y Compositores de Música*) e a *Asociación de Coleccionistas de Tango*, descerram uma placa na *Avenida Corrientes* (número 960) em comemoração aos 50 anos do maestro frente a sua orquestra. Em 1990, ele recebeu o título de *Académico Honorario de la Academia Nacional del Tango*.

Por sua orquestra passaram cantores do gabarito de Roberto Chanel, Alberto Morán, Jorge Vidal, Jorge Maciel, Miguel Montero, Alfredo Belusi, Adrián Guida y Abel Córdoba; este último cantou durante 30 anos na orquestra do maestro Pugliese.

Tal era o nível artístico deste homem que, em 1985, logrou o que nada existia antes: no 26 de dezembro deste

S

andra
antos
ocial

No último dia 25, estivemos reunidos mais uma vez no Espaço VIRALAPA para comemorar o aniversário dos alunos. Neste mês, aproveitamos para reunir tradição e costume. Num cenário de festa junina, comidas e bebidas típicas foram compartilhadas e saboreadas. Não é ocioso recordar a origem das festividades juninas. Inicialmente a festa era pagã, celebravam em agradecimento à fertilidade da terra e à boa colheita. Ao longo dos anos, as festas foram absorvidas pela religião católica para comemorar os dias dos Santos Antonio (13), João (24) e Pedro (29). Essa tradição foi trazida ao Brasil pelos portugueses. O baile Segunda-Feira Alternativa teve atmosfera vibrante por juntar o encantamento da tradição e a energia dos alunos e convidados. Entre os aniversariantes do mês, estiveram presentes a graciosa Alessandra, o DJ do baile Wagner Luz e a animada Tatiana (na foto abaixo). Era um



“bocado” de gente para comer o bolo de bombocado de coco. Tava uma delícia!

A animação era geral, pois, quem ainda não tinha ido a uma festa junina pode aproveitar a oportunidade do Espaço VIRALAPA para se divertir e comer os quitutes que foram servidos em chapéus arranjados com guardanapos xadrez e muitas flores.



Gisele (na foto acima) merece destaque, é a secretária mais animada que já vi. Sempre simpática, participou da festa bem vestida num “modelito” junino. Paulo Araújo recebeu a todos com a casa multicolorida. Foi enfeitada com flores de guardanapos de papel, painel de retalhos, fogueira de papel celofane, bandeirinhas e balões, tudo preparado com o maior esmero pelas alunas colaboradoras. Elas prepararam o cenário para o deleite de todos ao som do fole que

passou pelos multiritmos até o tango. Falando de festa junina na casa de tango, pensei em passear pelo som do fole. O fole do acordeon/sanfona/gaita ganha essa variação de nomes no Brasil.

Segunda-Feira Alternativa à Caipira

sandrucha@gmail.com

Sua versatilidade musical vai do sul com vanerão, xote, milonga etc. até o nordeste com o baião, xaxado, forró, entre outros. O fole do nordeste soou como brincadeira e a moçada dançou a noite inteira. Nesta noite, no salão tinha “cabra fungando no cangote da morena”, eu vi o suor se derramar pelos rostos ao som do fole da sanfona, na batida do zabumba e no “tinguiling” do triângulo. Esse ritmo inspirava tanto que todos queriam chamegar. Já ao som do bandoneon, tocado no tango, a inspiração dos casais era outra. O bandoneon carregava os corpos pelo salão numa marcação rítmica onde os peitos colados se embalavam. Abraçados, me pareceu que acendiam uma luz na “noite interior”, os passos se encontravam como se estivessem numa “casa sem paredes”, livres para criar e com a alma cheia de vontade de cantar – lindos! Quem veio pode se divertir em meio às múltiplas cores e multiritmos – que coisa boa! Eu dancei à beça!

Não deixe de vir no dia 30 de julho.

Traga amigos (as) para conhecer o Espaço VIRALAPA

**A vida deles vai mudar
Av. Gomes Freire, 663
Sobreloja-Lapa**



OSVALDO PUGLIESE

(Continuação da pág. 5)

ano, para festejar seu aniversário número 80, sua orquestra tocou no conhecidíssimo *Teatro Colón de la Ciudad de Buenos Aires*, lugar reservado quase exclusivamente para a música e lírica clássicas. Obviamente, o teatro estava repleto de público vendo o maestro interpretar obras de seus 46 anos ininterruptos de atividade. Finalmente, em 25 de julho de 1995, depois de uma breve enfermidade, faleceu aos 89 anos de idade na Cidade de Buenos Aires, sua cidade. Seus restos mortais foram velados no *Consejo Deliberante de la Ciudad de Buenos Aires* (Câmara de Vereadores), depois levados até o cemitério de *La Chacarita* pela emblemática avenida Corrientes, na contramão do trânsito. Ali, descansam em um imponente mausoléu construído com recursos de amantes do tango de muitos países do mundo a partir do trabalho de uma comissão de amigos, e da perseverança e empenho de sua viúva e companheira de vida Lydia Elman. Para satisfação daqueles que o admiraram, sua estirpe segue viva em outra grande pianista: Beba Pugliese, sua filha, e em Carla Pugliese, sua neta, também pianista e grande inovadora do tango. No ano 2005, se comemorou o primeiro centenário de seu nascimento. Pugliese recebeu o *Premio Konex* em tres ocasiões: em 1985, como *Director de Orquesta típica (Platino)*,

em 1995, uma menção especial e, em 2005, um prêmio de honra.

Fonte: Google/Wikipedia (traduzido)



Todas as sextas-feiras a partir de 21horas

Faça sua reserva de mesa pelo telefone 21-39702457

M a t r í c u l a s abertas para turmas de dança de salão e tango nas classes Iniciais e Iniciados

BAÛ DO TANGO

Ano 2000

Jeane, uma das primeiras alunas de Paulo Araújo, e Maria Antonieta, a saudosa professora de dança de salão, foto tirada no Lugar Comum



O Núcleo Lila de Shivam Yoga oferece possibilidades para o despertar da consciência e o desenvolvimento do autoconhecimento, vislumbrando uma vida em harmonia consigo mesmo e com o Universo.

É um espaço de prática, estudo e pesquisa do Shivam Yoga, de práticas corporais ligadas à dança e de atendimentos fonoaudiológicos especializados em perda auditiva associada ao envelhecimento.

Todas as atividades desenvolvidas no Núcleo Lila estão integradas entre si e comprometidas com a conquista de uma melhor qualidade de vida.

Venha nos conhecer, ligue e marque uma aula experimental • tel: 2225-6968 / 9150-1087